

DIFERENÇAS DE GÊNERO ENTRE OS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL – IMES¹

Marlene Cardia Laviola²
Francisco Rózsa Funcia³

PALAVRAS-CHAVE: Diferenciação de Gênero, Diferenciação Salarial, Perfil de Inserção Profissional, Perfil dos Graduandos em Ciências Econômicas.

Grupo Temático: Emprego e Mercado de Trabalho

RESUMO

Este artigo trata dos principais resultados da pesquisa sobre os perfis de alunas e de alunos do curso de Economia da Universidade IMES em 2004, para identificar, quantificar e qualificar a desigualdade salarial entre os gêneros. A partir dessa quantificação, o estudo prossegue discutindo os demais atributos do perfil de inserção profissional que, independente do gênero, condicionam a obtenção do salário-hora dos estudantes. Finalmente, é verificada a hipótese de ocorrência de eventual discriminação do mercado de trabalho contra as mulheres.

INTRODUÇÃO

Versa o presente sobre os principais resultados obtidos no esforço de pesquisa que teve como objetivo estudar os perfis dos estudantes do curso de Ciências Econômicas da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – IMES no ano de 2004, para identificar, quantificar e qualificar eventual desigualdade salarial que pudesse ser associada à discriminação de gênero. A pesquisa teve como principais fatores motivadores o interesse da Coordenação do Curso em obter um perfil mais

¹ Resultados preliminares deste estudo foram apresentados na II Jornada de Economia Social e Conjuntura, realizada pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul – IMES, no dia 22 de outubro de 2004. Artigo apresentado no XVII Congresso Brasileiro de Economistas em 13/09/2007.

² Economista, Mestre em Ciências Econômicas e doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP e Professora responsável pela disciplina Técnicas de Pesquisa em Economia e pelo Núcleo de Estudos em Economia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – IMES.

³ Economista, Mestre em Economia Política pela PUC-SP, Professor e Coordenador do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – IMES.

detalhado dos estudantes, com turmas somente no período noturno, e o estímulo à atividade de iniciação científica⁴ junto ao corpo discente e docente, bem como o empenho da co-autora em desenvolver, de forma aplicada, os principais conceitos trabalhados na disciplina Técnicas de Pesquisa em Economia.

Além disso, a relevância teórica da temática pode ser comprovada a partir dos estudos de David Ricardo e Karl Marx⁵. As modernas contribuições têm buscado caracterizar os fatores determinantes da remuneração da força de trabalho diante das características complexas desse mercado, no contexto recente da economia, em que o padrão de crescimento está fortemente condicionado pela contínua e acelerada incorporação de novas tecnologias na esfera da produção e dos serviços.

O experimento⁶ teve como ponto de partida a elaboração de uma revisão bibliográfica sobre os temas desigualdade de renda, diferenciação salarial e discriminação salarial, que nortearam a aplicação de um levantamento primário de dados visando à construção dos perfis de inserção profissional dos alunos. Com isso, pretendia-se obter elementos capazes de responder às seguintes questões: Como estavam distribuídos os atributos pessoais (gênero e raça) entre os estudantes? Quais eram as características familiares (estado civil, quantidade de filhos, escolaridade e ocupação dos pais, municípios de residência e trabalho, etc.)? Quais eram as diferenças observadas, entre alunos e alunas, no tocante aos atributos produtivos (educação formal, experiência profissional)? Quais eram as diferenças, entre os gêneros, observadas nas habilidades de empregabilidade no campo da informática e do domínio de línguas estrangeiras, bem como em relação à presença de curso profissionalizante no currículo? Como estavam distribuídos os

⁴ Participaram do projeto os alunos: Alexandre A.S. Reolon, Lupércio de S. Filho, Heverton F. de Oliveira, Cláudio P.de Oliveira, Thaís A. Martins, Débora de O. Carvalho, Clayton dos Santos, Paulo P. Duran, Jose R.F. Martins, Vanessa de Oliveira, Karina R.Martins, Márcio Munhoz, Silvio A.P.Siviero, Elias da P. Adão, Wellington de P Oliveira, Felipe T. de L. Pinheiro, Patrícia C. Cataldi, Alessandro S. dos Reis. Denis B. Lopes, Jorge Francisco da Silva, Maiki R. Castanho, Renata P. Honorato, Alessandro L. Bompadre, Mário A. Amigo Junior, Mário R. C. Saccon, Aline B. Samugini, Carlos H.Pavon, Marcel M. Uema, Mariana G. Vergueiro, Fernando de Oliveira, Raphael B. P. Garcia, Juliana V. de Souza, Giovana de Pascoal, Daniel J. de Camargo, Cláudia Auricchio, Fabiano G.Borges, Sílvia Mancini, Agnaldo G. de Souza, Marcelo H.da Silva, Jéssica A.Medrado.

⁵ Dois dos expoentes do pensamento econômico no século XIX e da elaboração da Teoria do Valor-Trabalho, que destacaram a distribuição de renda – a determinação do salário, lucro e renda da terra – como um dos objetos de estudo da economia política.

⁶ A realização desse projeto se beneficiou das sugestões e da supervisão técnica do professor Ms. Mauri José Guerra (responsável, na Universidade IMES, pela disciplina Estatística Econômica e Introdução à Econometria) e da professora Ms. Maria do Carmo Romeiro (responsável pela área de Econometria da Universidade IMES e Coordenadora do Instituto de Pesquisa do IMES – INPES), os quais gentilmente exercitaram com os estudantes as ferramentas utilizadas para a realização da análise dos dados.

atributos ocupacionais (ocupação atual, setor e ramo de atividade, tipo de posto de trabalho, formalização de contrato de trabalho, condições de sindicalização, etc.)? No mês de maio de 2004, qual era a desigualdade salarial entre os gêneros?

Detectada e quantificada eventual desigualdade salarial, mais duas questões deveriam ser respondidas pelo estudo: Quais eram os atributos do perfil de inserção profissional que, além do gênero, poderiam estar condicionando essa desigualdade? A desigualdade salarial identificada poderia ser considerada como evidência de uma possível discriminação no mercado de trabalho contra as mulheres?

Do ponto de vista da organização, o desenvolvimento deste artigo foi distribuído em quatro seções, sendo a primeira uma síntese dos principais aspectos teóricos sustentadores da definição do objeto de estudo, construção das hipóteses e das categorias de análise. Na seção seguinte, foram focados os aspectos metodológicos que nortearam a coleta, o processamento e a análise dos dados. Na terceira, foram comparados os diferentes aspectos dos perfis de inserção profissional entre os gêneros. Na quarta, foram identificados os atributos do perfil profissional associados à desigualdade salarial e discutida a eventual presença de discriminação no mercado de trabalho. Ao final, foram apresentadas as conclusões mais relevantes.

1 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA DO ESTUDO

A idealização deste estudo foi fortemente afetada pelas considerações teóricas e pelos resultados empíricos apresentados em dois importantes estudos promovidos por Ramos & Reis (2002, p. 26-46) e Reis & Barros (2002, 69-80). Do estudo de Ramos & Reis (2002, p. 26-28) tomou-se, preliminarmente, a referência teórica sobre a importância da adoção de estudos atomizados em nível do indivíduo, para estudar os fenômenos relativos à desigualdade de renda. Essa indicação justificou a realização de uma pesquisa primária junto ao corpo discente do Curso de Ciências Econômicas, para estudar a questão da desigualdade salarial dos estudantes.

Além disso, contaram os argumentos dos autores citados que permitiram acreditar que a distribuição de renda pode ser determinada por três conjuntos de fatores, associados ao perfil de inserção profissional dos trabalhadores, a saber: as

características pessoais (atributos genéticos ou fruto de decisões individuais); o tamanho da taxa de retorno (salário-hora) concedida pela economia para remuneração desses atributos e, a forma de distribuição desses atributos para o conjunto total dos diferentes agentes econômicos.

Reis & Barros (2002, p.70) forneceram também o suporte conceitual para entender que a definição de salários no mercado de trabalho é um fenômeno complexo, para o qual concorrem inúmeras forças, e que, dessa forma, um estudo sobre a desigualdade salarial exigiria a construção prévia de uma visão estilizada do comportamento do mercado de trabalho. Sob essa ótica, tornou-se possível escolher as variáveis determinantes do perfil de inserção profissional dos estudantes, bem como extrair os elementos necessários à estruturação das hipóteses de trabalho.

Assim, a exemplo dos autores referidos, admitiu-se que, num mercado de trabalho estilizado, os trabalhadores profissionais oferecem um conjunto de atributos (produtivos ou não) que são adquiridos pelas firmas, para preenchimentos de diferentes características exigidas pelos postos de trabalho, mediante uma remuneração (salário-hora), que é calculada na razão direta do benefício gerado por esses atributos (REIS & BARROS, 2002, p.71-77).

Essa evidência, retirada do processo de revisão bibliográfica, motivou a incorporação, no estudo do perfil de inserção profissional dos estudantes, não só dos dados relativos aos “atributos produtivos e pessoais” dos entrevistados, mas também das qualidades relativas aos postos de trabalho ocupados, as quais neste estudo foram denominadas de “atributos ocupacionais”. O salário-hora auferido por cada trabalhador foi considerado como remuneração à produtividade distinta gerada por essa tríade de atributos.

Para elaboração do questionário a ser aplicado aos estudantes, estabeleceu-se um conjunto de premissas conceituais, adaptadas a partir do texto Reis & Barros (2002, p. 71-77), conforme segue:

1. São atributos produtivos a educação e a experiência profissional do trabalhador;
2. A experiência profissional pode ser medida pelo uso da variável “*proxy*” idade do trabalhador, conforme Reis & Barros (2002, p. 76). Considerando a realização da

coleta primária específica, entendeu-se como oportuna a incorporação de questões que possibilitassem auferir também a experiência a partir das variáveis “tempo total de trabalho” e “tempo de exercício na atividade atual”;

3. Os atributos produtivos normalmente geram trabalhadores heterogêneos com produtividades potencialmente distintas;
4. Do lado pessoal, os trabalhadores possuem atributos pessoais não produtivos (sexo, cor, etc.) que, eventualmente, podem ser valorizados pelo mercado de trabalho de forma distinta;
5. Os salários dos trabalhadores podem refletir todo o efeito do ambiente da ocupação, dado pela segmentação do mercado de trabalho, e que decorrem tanto de fatores institucionais (legislação trabalhista e ação sindical) como de outros fatores (setor de atividade, ramo da indústria, tipo de posto de trabalho, localização espacial das firmas, origem do capital, tipo de empregador, etc.). Tais efeitos foram adicionados ao perfil de inserção profissional dos estudantes sob a denominação de atributos ocupacionais;
6. Esses atributos de ocupação concorrem para a geração de produtividades distintas do trabalhador.

Em paralelo, para ampliar o alcance do experimento, adicionou-se uma nova premissa, adaptada a partir de Ramos & Reis (2002, p. 26-46): além dos atributos produtivos principais, os trabalhadores poderiam ser dotados de outros talentos ou habilidades profissionais específicas. Destinando igual tratamento dado aos atributos produtivos, assumiu-se a suposição que tais habilidades poderiam ser reconhecidas como produtivas pelo mercado de trabalho, para fixação do salário-hora. Desse conjunto de habilidades secundárias, foram escolhidos para compor o perfil de inserção profissional dois fatores considerados como facilitadores da empregabilidade: domínio de idiomas e de informática.

Adicionalmente, com base ainda nas observações de Reis & Barros (2002, p. 71-77), foi possível construir duas hipóteses balizadoras para classificar o tipo de desigualdade salarial, que viessem a ser verificadas na comparação dos perfis de inserção profissional entre homens e mulheres que freqüentam o Curso. Na primeira hipótese, a desigualdade salarial, sendo mantidos os demais fatores constantes, resultaria de um fenômeno de diferenciação salarial, se os trabalhadores

investigados fossem heterogêneos em termos de atributos produtivos ou ocupacionais. Na segunda, sendo os demais fatores constantes, a desigualdade salarial poderia ser considerada como fenômeno de discriminação salarial, caso se comprovasse que o mercado de trabalho valoriza de forma distinta os atributos pessoais (gênero e raça) de trabalhadores homogêneos em atributos tanto produtivos como ocupacionais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Do ponto de vista metodológico, a coleta primária de dados aplicada foi quantitativa, adotando-se o recurso da entrevista pessoal, com a utilização de um questionário estruturado e dez cartões de categorias para auxiliar o entrevistado. O questionário foi devidamente pré-testado. A elaboração do mesmo foi suportada pelas evidências retiradas no levantamento bibliográfico, considerando o rol de variáveis a serem pesquisadas e os limites impostos para verificação das hipóteses assumidas.

O instrumento de coleta de dados foi elaborado buscando captar atributos produtivos ou não que poderiam compor o perfil de inserção profissional dos estudantes de economia, conforme sintetizado no Quadro 1.

QUADRO 1 - ATRIBUTOS QUE DEVEM COMPOR O PERFIL DE INSERÇÃO PROFISSIONAL

ATRIBUTOS PRODUTIVOS	ATRIBUTOS PESSOAIS	ATRIBUTOS OCUPACIONAIS
ESCOLARIDADE FORMAL (curso técnico e tipo de escola) EXPERIÊNCIA (Idade, tempo de trabalho total, e tempo de exercício da atividade atual) OUTRAS HABILIDADES: (domínio de informática e de idiomas)	RAÇA GÊNERO	SETOR DE ATIVIDADE RAMO DE ATIVIDADE TIPO DE FUNÇÃO FORMALIZAÇÃO CONTRATUAL SINDICALIZAÇÃO JORNADA DE TRABALHO

Em termos de abrangência, inicialmente, a pesquisa pretendeu ser censitária, entrevistando-se a totalidade dos estudantes. Contudo, houve a ocorrência de certo grau de evasão: ao todo foram respondidos 138 questionários⁷ (67,3% da previsão inicial), dos quais 83 por homens (70,94% do total de homens previstos) e 55 por mulheres (62,5% da parcela feminina prevista). Foram excluídos do levantamento 30 alunos, que embora tendo concluído o curso, permaneciam matriculados somente

⁷ Note-se que o tamanho da amostra efetiva era suficiente para inferir os resultados para o total de graduandos em economia matriculados em 2004 na Universidade, com um erro padrão de 5,75%.

para cumprimento da exigência de apresentação da monografia. Os demais casos não puderam ser contatados no período de aplicação da pesquisa.

Os procedimentos de crítica, verificação e codificação foram realizados pelos autores⁸. Para a análise preliminar dos dados, foram aplicados recursos tanto de estatística descritiva como de inferência estatística. De forma geral, para as variáveis quantitativas foram apuradas medidas de posição (média, desvio padrão, mediana, moda, quartis, etc), utilizando-se tabelas e gráficos cabíveis para a representação dos resultados. Evidências qualitativas mais importantes foram caracterizadas pelas respectivas distribuições de frequência, possibilitando a comparação das proporções. Quando foi necessário testar o relacionamento entre as variáveis, construiu-se modelo econométrico, a partir de um modelo de regressão simples, adicionando-se os efeitos das “*dummies*”, representativas de atributos dados pelas variáveis qualitativas.

3 OS PERFIS DOS ALUNOS DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

3.1 Atributos Pessoais

Com relação à participação por gênero, no total dos entrevistados (138 casos) a participação dos homens foi de 60%. No grupo dos 120 casos com renda diferente de zero, a participação masculina foi um pouco inferior, correspondendo a 57,7%. A maioria (51,5%) dos entrevistados estava matriculada nas duas primeiras séries do curso, segmento que concentra 49,3% dos homens e 54,6% das mulheres.

O contingente de raça branca predomina no grupo masculino e feminino, sendo mais elevado no grupo feminino (85,5%). No grupo masculino, 18,1% são negros ou descendentes, enquanto que no grupo feminino, as descendentes somam 12,7%.

3.2 Outras Características Pessoais e Familiares

Em termos médios, a idade das alunas (23,39 anos) é inferior à dos alunos (24,95 anos), considerando que a distribuição de idades dos dois grupos apresenta um desvio padrão próximo de 6,0 anos. Cerca de $\frac{3}{4}$ das alunas tinham idade igual ou

⁸ Para a digitação e o processamento dos dados pelo SSPS contou-se com o auxílio técnico da Economista Alessandra I. Justo, do INPES – Instituto de Pesquisa da Universidade IMES.

inferior a 24 anos, enquanto que somente um pouco mais da metade dos alunos encontrava-se nessa condição.

Em relação à distribuição espacial da residência e do trabalho dos estudantes, a grande maioria reside (88,2% dos homens e 84,0% das mulheres) e trabalha (64,7% dos alunos e 68,0% das alunas) na Região do Grande ABC.

Em termos medianos, a renda familiar dos estudantes do Curso encontra-se próxima ao limite inferior da faixa entre R\$ 3.120,00 a R\$ 4.160,00.

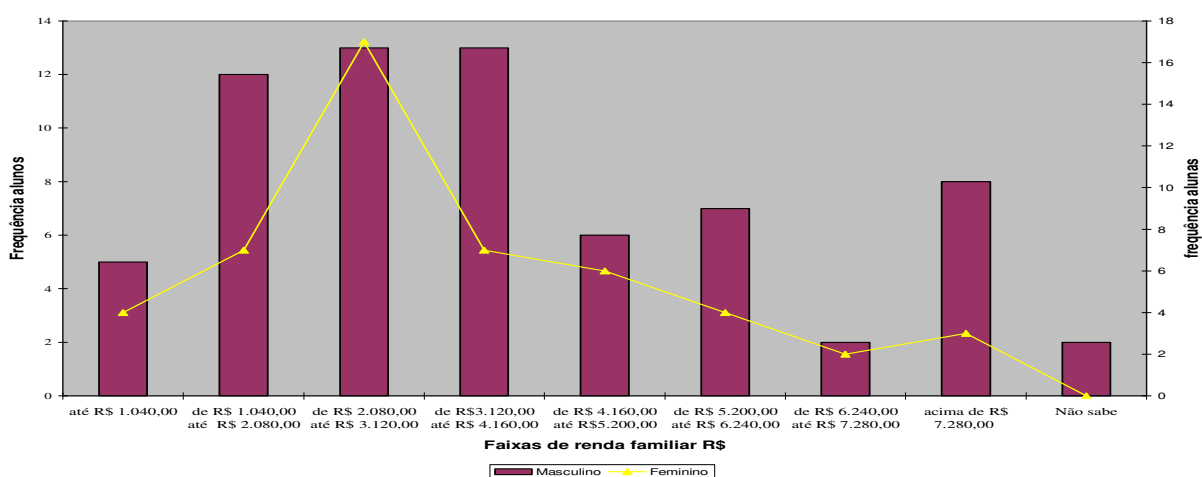


Figura 1 – Distribuição da Renda Familiar

A Figura 1 apresenta comparativamente as distribuições de renda familiar de alunos e alunas. Como se percebe, as famílias das mulheres se concentram, com maior intensidade, nas faixas de renda menos elevadas.

A escolaridade paterna é superior à materna, sendo que a maioria das mães dos estudantes não cursou ou concluiu o 2º Grau ou Ensino Médio, situação que se inverte em relação aos pais.

Para efeito da medição do grau de inserção dos pais no mercado de trabalho, adotou-se o conceito de ocupação efetiva no mercado de trabalho⁹. Com base nesse critério, as taxas de ocupação efetiva paterna e materna são mais elevadas quando

⁹ O conceito considera indivíduos com trabalho remunerado (tanto regular como irregular), ou não remunerado de ajuda em negócios de parentes, ou ainda remunerado em espécie ou em benefícios, mas que não estão procurando outro trabalho.

se trata das alunas comparativamente aos alunos, porém com percentuais abaixo de 50% para a taxa materna (41,7% das alunas e 24,1% dos alunos).

3.3 Atributos Produtivos

3.3.1 Educação formal – Anos de estudo

Em termos de escolaridade formal, o grupo estudado apresenta média de 13,3 anos (com desvio padrão de 1,57) e mediana de 13 anos de estudo. Do ponto de vista do gênero, as principais medidas de posição são iguais ou bastante semelhantes.

No tocante ao tipo de escola freqüentada durante o curso médio, a presença de escola pública é praticamente coincidente para 2/3 dos homens e mulheres. Num outro extremo, é bastante significativa a parcela de alunas que concluíram o ensino médio integralmente em escolas particulares (29,1%) em relação ao contingente masculino (18,1%).

Com relação ao processo educacional de nível médio, a preferência por formação técnica parece ser mais intensa no grupo masculino (39,7%) do que no feminino (29,1%). Essa diferença entre os gêneros também é evidenciada pelas áreas escolhidas. No grupo masculino, 59,0% são oriundos de cursos nas áreas de administração de empresa e contabilidade, contra 31,25% das alunas. Situação inversa ocorreu em relação ao curso técnico de processamento de dados, com 37,0% das citações femininas e 6,4% das masculinas.

Ainda com relação ao percurso educacional, cabe comentar que do conjunto dos alunos entrevistados, somente três declararam ter concluído outro curso superior contra uma única aluna; porém, para os cursos de graduação iniciados e não concluídos, a freqüência de declarações foi bastante elevada, obtendo-se um total de 20 menções (13 de alunos e 7 de alunas), com destaque para as áreas de administração, gestão e contabilidade (40%) e exatas (35%).

3.3.2 Experiência profissional

Nesse estudo, a experiência profissional foi medida por três variáveis distintas, a saber: idade, tempo total de trabalho e tempo de exercício na atividade atual.

A idade pode ser considerada como uma boa “*proxy*” da experiência profissional. A tabela a seguir apresenta as principais medidas de posição relativas à idade, considerando inclusive a comparação entre gêneros.

TABELA 1 – MEDIDAS DE POSIÇÃO RELATIVAS DA EXPERIÊNCIA (IDADE)

MEDIDAS DE POSIÇÃO	ALUNOS	ALUNAS
Média	24,9 anos	23,4 anos
Mediana	23,5 anos	23,0 anos
Desvio Padrão	6,1 anos	5,9 anos

As diferenças entre gêneros, relativas à experiência (medida pela idade) quando avaliadas em termos de medidas de posição, são pequenas, mas desfavoráveis às mulheres. Essa tendência se comprova quando se comparam as linhas de corte nos diferentes percentis, conforme ocorre na próxima tabela.

TABELA 2 – POSIÇÃO DOS PERCENTIS DA EXPERIÊNCIA

PERCENTIL	EXPERIÊNCIA (EM ANOS DE IDADE)	
	ALUNOS	ALUNAS
10	20,0	18,5
20	20,0	20,0
30	21,0	21,0
40	23,0	22,0
50	23,5	23,0
60	25,0	23,0
70	26,0	24,0
80	28,0	25,0
90	31,0	27,0

A próxima figura apresenta a performance da variável tempo total de trabalho, observadas as peculiaridades de gênero.

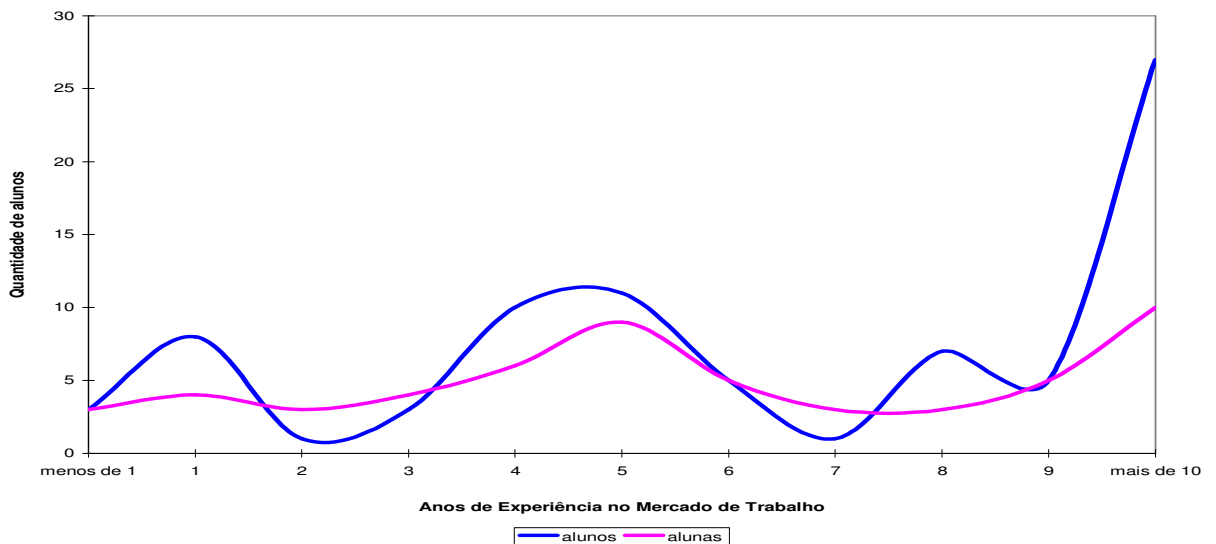


Fig.2 – Distribuição do Tempo de Experiência no Mercado de Trabalho por Gênero

As mulheres, por serem mais novas, apresentam inserção mais recente no mercado de trabalho. Em termos medianos, os homens apresentam 6,9 anos de tempo total de trabalho; já as mulheres, 5,5 anos.

O tempo de exercício na atual atividade para medir a experiência profissional somente foi informado por 120 estudantes, sendo 70 homens e 50 mulheres. As principais medidas de posição obtidas para essa variável constam da próxima tabela, e comprovam que as mulheres têm menor tempo de exercício da atividade atual.

TABELA 3 – MEDIDAS DE POSIÇÃO DO TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA ATIVIDADE ATUAL

MEDIDAS DE POSIÇÃO	ALUNOS	ALUNAS
Média	4,61 anos	3,29 anos
Mediana	3,42 anos	2,75 anos
Desvio Padrão	4,91 anos	2,88 anos

3.4 Habilidades de Empregabilidade: domínio de idiomas e informática

A habilidade dos estudantes do Curso no tocante aos idiomas estrangeiros foi pesquisada considerando tanto o inglês como o espanhol e os resultados apontaram para o domínio da língua inglesa em porcentagem superior ao domínio do espanhol. Porém, é notável que 27,3% e 60% das mulheres não declararam, respectivamente, algum domínio do inglês e do espanhol, enquanto que os percentuais, nessas circunstâncias, no grupo masculino são mais elevados.

A frequência de uso de informática foi diária para a maioria dos estudantes: os alunos, 83,2%, e as alunas 87,3%. Proporcionalmente, as mulheres apresentaram a maior concentração (98,2%) dentre os que utilizam a informática com bastante regularidade (acima de três vezes na semana). Elas também apresentaram maior domínio do ferramental, muito embora o percentual que declarou habilidade em programação seja inferior ao acusado no grupo masculino (10,9% contra 22,9%).

3.5 Atributos Ocupacionais

Em relação à ocupação principal, a maioria dos estudantes do Curso está inserida no mercado formal de trabalho, com destaque para o emprego assalariado com

carteira assinada (65,1% dos alunos e 74,5% das alunas). A desocupação e a inatividade são maiores no grupo masculino (13,2% contra 7,3%).

O setor de serviços abriga o maior número de estudantes, com destaque para intermediação financeira (22,9% de alunos e 21,8% de alunas). O enquadramento no setor comercial é equivalente em ambos os gêneros (cerca de 11,0%). No setor secundário, o número de mulheres é superior. De acordo com os dados pesquisados, cinco ramos de atividade respondem por parcelas praticamente equivalentes de ocupação para os dois gêneros (72,3% no grupo dos alunos e 72,7% no grupo das alunas). São eles: ramo da intermediação financeira; indústria de transformação; serviços prestados a empresas; comércio, reparação de veículos automotores e objetos pessoais; entre outros.

Foi identificado pelos resultados da pesquisa o predomínio de atividades exercidas no escritório, sendo para os homens semi ou totalmente especializadas (50,6%), além das chefias de nível intermediário e o exercício de funções empresariais, e, para as mulheres, as atividades semi ou totalmente especializadas (63,7%), além de uma presença expressiva em atividades sem especialização (18,2%). Quanto às atividades de maior complexidade, o grupo feminino supera o masculino no exercício de atividades executivas, de assessoria ou de chefia superior.

Dos estudantes ocupados, o grau de sindicalização é baixo: somente 24,1% dos homens e 25,5% das mulheres contribuem para algum sindicato.

3.6 Rendimentos obtidos por meio da Ocupação Principal

3.6.1 Rendimento Bruto Mensal

A tabela a seguir apresenta as principais estatísticas da distribuição dos rendimentos brutos obtidos, no mês de maio de 2004, da ocupação principal dos estudantes.

TABELA 4 – ESTATÍSTICAS DO RENDIMENTO BRUTO DO MÊS DE MAIO DE 2004, POR GÊNERO

MEDIDAS DE POSIÇÃO	ALUNOS (A)	ALUNAS (B)	Razão (B/A)
Média	R\$ 2.129,37	R\$ 1.242,50	0,5835
Mediana	R\$ 1.306,00	R\$ 954,50	0,7309
Moda	R\$ 1.200,00	R\$ 1.500,00	1,2500
Desvio Padrão	R\$ 2.544,03	R\$ 987,53	
Mínimo	R\$ 300,00	R\$ 400,00	1,3333
Máximo	R\$ 20.000,00	R\$ 6.400,00	0,3200

Os dados indicam um rendimento bruto mediano das mulheres correspondente a 73,1% dos valores recebidos pelos homens. Em relação aos pontos extremos, o valor mínimo do grupo feminino é 33,33% superior ao do grupo masculino, enquanto que a situação inverte-se radicalmente para o valor máximo, que é 68% inferior ao dos homens. Convém lembrar que, para comparações entre salários, é necessário considerar eventuais diferenças no tamanho da jornada de trabalho.

TABELA 5 – ESTATÍSTICAS DO TAMANHO DA JORNADA DE TRABALHO SEMANAL, POR GÊNERO

MEDIDAS DE POSIÇÃO	ALUNOS (A)	ALUNAS (B)	Razão (B/A)
Média	41,3 horas	39,5 horas	0,9564
Mediana	40,0 horas	40,0 horas	1,0000
Moda	40,0 horas	40,0 horas	1,0000
Desvio Padrão	6,3 horas	6,7 horas	
Mínimo	18,0 horas	20,0 horas	1,1111
Máximo	65,0 horas	50,0 horas	0,7692

No caso em tela, nota-se que não existem diferenças significativas em termos de jornada de trabalho entre homens e mulheres, exceto para o valor máximo de horas trabalhadas (a do grupo feminino foi 23% inferior ao do grupo masculino, mas essa diferença é bem menor que a observada anteriormente em relação ao valor máximo do rendimento bruto).

3.6.2 Salário-hora e o diferencial salarial entre os gêneros

Para equalizar os dados e identificar a existência de desigualdade salarial entre os gêneros, adotou-se uma comparação entre os salários tendo como denominador a jornada de trabalho mensal. A tabela a seguir apresenta as estatísticas elaboradas a partir do salário-hora.

TABELA 6 – ESTATÍSTICAS DO SALÁRIO-HORA DO MÊS DE MAIO DE 2004, POR GÊNERO

MEDIDAS DE POSIÇÃO	SALÁRIO-HORA		Razão B/A
	ALUNOS (A)	ALUNAS (B)	
Média	R\$ 11,29	R\$ 8,09	70,9%
Mediana	R\$ 7,67	R\$ 6,25	81,5%
Desvio Padrão	R\$ 8,05	R\$ 6,36	

De acordo com a tabela 6, a média dos salários-hora obtida, tanto para os homens, como para as mulheres, é pouco significativa, em razão do elevado desvio padrão, recomendando-se nesse caso a adoção dos valores medianos para qualquer comparação. Nestes termos, as alunas do Curso de Ciências Econômicas receberam um salário-hora correspondente a 81,5% dos salários-hora dos alunos.

Para refinação da análise, os salários-hora de corte a cada um dos percentis oferecem uma visão mais apurada das desigualdades salariais entre os gêneros.

TABELA 7 – SALÁRIO-HORA DE CORTE NOS DIFERENTES PERCENTIS POR GÊNERO

PERCENTIL	SALÁRIO-HORA		Razão (B/A)
	ALUNOS (A)	ALUNAS (B)	
10	R\$ 5,00	R\$ 3,15	63,0%
20	R\$ 5,36	R\$ 3,64	67,9%
30	R\$ 6,00	R\$ 4,48	74,7%
40	R\$ 6,70	R\$ 5,74	85,7%
50 – Mediana	R\$ 7,67	R\$ 6,25	81,5%
60	R\$ 9,53	R\$ 6,82	71,6%
70	R\$ 12,02	R\$ 8,40	69,9%
80	R\$ 16,09	R\$ 12,50	77,7%
90	R\$ 24,28	R\$ 16,01	66,2%

Do exame das diferenças verificadas na Tabela 7, percebe-se que as mulheres, em todos os pontos de corte dos percentis, recebem salários-hora menores que os auferidos pelos alunos. A maior diferença (37%) entre os gêneros ocorre quando se comparam os salários-hora dos 10% mais mal remunerados. A menor diferença (14,3%) registra-se no ponto de separação dos 40% mais mal remunerados. Observa-se também que a diferença tende a diminuir quando se aproxima da mediana e o inverso ocorre quando em direção aos extremos.

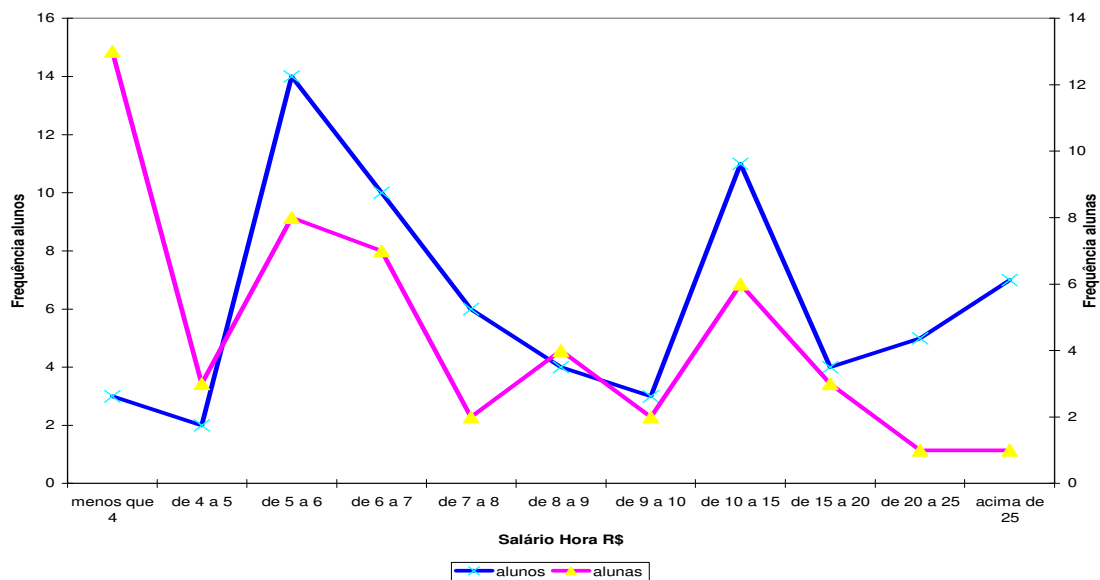


Fig.3 – Distribuição do Salário Hora por Gênero

A Figura 3 possibilita a visualização das distribuições de frequência dos alunos e alunas em torno das diferentes faixas salariais.

Em torno dos salários mais baixos (inferiores a R\$ 4,00/hora) concentram-se 13 alunas contra apenas três alunos. Já no limite oposto, os salários maiores que R\$20,00/hora concentram-se 12 alunos contra apenas duas mulheres.

4. DISCUSSÃO DA DESIGUALDADE SALARIAL IDENTIFICADA

Identificada e quantificada, a partir dos parâmetros estatísticos, a desigualdade salarial entre alunos e alunas do curso de Ciências Econômicas da Universidade IMES, foi necessário prosseguir o estudo, averiguando quais atributos do perfil de inserção profissional condicionavam essa desigualdade. Além disso, era necessário responder se a desigualdade detectada podia ser considerada como evidência de uma possível de discriminação no mercado de trabalho contra as mulheres.

4.1 ATRIBUTOS CONDICIONANTES DA DESIGUALDADE SALARIAL

Para verificação da relação de dependência estatística¹⁰, estabelecida entre o salário-hora e os atributos de inserção profissional, construiu-se um modelo econométrico, a partir de uma regressão linear com “*dummies*”¹¹, que expressa pela Equação I a seguir:

EQUAÇÃO I

$$Y = \alpha + \beta D_i(X) + \mu$$

Onde:

Y= Variável dependente;

α = intercepto; β = coeficiente de inclinação;

D_i = variáveis “*dummies*” assumindo o valor um pela presença da qualidade “i” e zero pela ausência da qualidade “i”;

X= variável quantitativa explicativa;

μ = efeitos das demais variáveis não identificadas no modelo.

Inicialmente, para construção desse modelo, foi necessário definir a variável X, escolhendo entre as duas únicas variáveis quantitativas integrantes do perfil de inserção profissional, ou seja, escolaridade formal (medida pelos anos de estudo) e experiência (medida pelas “*proxies*”: idade, tempo total de trabalho e tempo de

¹⁰ Segundo Kendall & Stuart (apud GUJARATI, 2000, p. 8): “Uma relação estatística, por mais forte e sugestiva que seja, jamais pode estabelecer uma relação causal...” .Entretanto, conforme comenta GUJARATI (rodapé, p.8): “A análise de regressão clássica se baseia na hipótese de que o modelo usado na análise seja o modelo correto. Portanto, a direção da causalidade pode estar implícita no modelo postulado.”

¹¹ Utilizam-se as “*dummies*” quando, na análise de regressão, deseja-se medir a influência de variáveis qualitativas (sexo, raça, domínio de habilidades, etc). sobre a variável explicativa (de natureza quantitativa). Nesses casos, as “*dummies*” sinalizam a presença ou não dessa qualidade introduzida ao modelo. Os efeitos das “*dummies*” podem ser sentidos sobre o intercepto e a declividade da equação de regressão. (GUJARATI, 2000, p. 503).

experiência na atual atividade). Analisados os coeficientes de correlação¹², escolheu-se a experiência, medida pela idade, por apresentar o maior grau de associação linear com o salário-hora.

Por outro lado, foram testadas como “*dummies*”, os seguintes aspectos qualitativos do perfil de inserção no mercado de trabalho: atributos pessoais (gênero e raça); atributos de ocupação (setor de atividade, especialização de função, grau de formalização no mercado de trabalho e sindicalização); habilidades de empregabilidade (domínio de informática e do inglês).

QUADRO 2: SÍNTESE DA TRIAGEM DE ATRIBUTOS TOMADOS COMO “DUMMIES” NO MODELO

ATRIBUTOS	ESPECIFICAÇÃO DA QUALIDADE	VALORES ASSUMIDOS PELAS “DUMMIES”	EXISTÊNCIA DE EFEITO SOBRE A DECLIVIDADE
Gênero	Pertencer ao sexo masculino	Valor 1 (um) por apresentar a qualidade especificada.	Sim
Raça	Ser da cor branca		Sim
Setor de Atividade	Estar inserido profissionalmente no setor da indústria		Não
Especialização da Função Atual Exercida	Ocupar função especializada (incluindo-se cargos especializados, executivos ou de assessoria administrativos ou operacionais)	Valor 0 (zero) por não apresentar a qualidade especificada.	Sim
Formalização	Ser (assalariado com carteira assinada)		Não
Sindicalização	Ter contribuído para sindicato no mês de maio de 2004		Não
Domínio de Informática	Apresentar algum tipo de domínio de informática		Não
Domínio da Língua Inglesa	Apresentar algum tipo de domínio do idioma inglês		Não

A especificação de cada “*dummy*” e os resultados obtidos na verificação de seus efeitos sobre a declividade da equação de regressão são apresentados no quadro 2. Conforme se verificou, tendo sob controle a variável experiência (dada pela “*proxy*” idade), somente os atributos de natureza qualitativa gênero e raça (pessoais) e o exercício de função especializada (ocupacional) relacionavam-se com a definição do salário-hora e por isso podiam ser considerados no modelo.

A próxima equação apresenta os coeficientes obtidos para o modelo econométrico, com a introdução das “*dummies*” selecionadas.

EQUAÇÃO DA REGRESSÃO

<p>Salário-hora = $- 6,770 + 0,459 \text{ Idade} + 0,103.(d\text{Raça})\text{Idade} + 0,0884.(d\text{Gênero}) \text{ Idade} + 0,0982.(d\text{Especialização}) \text{ Idade}$</p>
--

¹² O coeficiente de correlação mede o grau de associação linear entre duas variáveis. (GUJARATI, 2000, p. 9).

De acordo com o coeficiente de explicação (R^2) calculado para essa regressão, 53,4%¹³ das variações no salário-hora são explicadas por variações ocorridas na variável experiência (medida pela idade) e pela incorporação dos efeitos gerados pelos atributos qualitativos raça, gênero e exercício de função especializada.

O próximo quadro apresenta as equações derivadas desse modelo, segundo o gênero, observando os diferentes efeitos da combinação dos demais atributos que interferem na definição do salário hora.

COMBINAÇÃO DOS ATRIBUTOS DO TRABALHADOR	EQUAÇÕES DERIVADAS	
	GÊNERO MASCULINO	GÊNERO FEMININO
Raça branca, exercendo função especializada	Sal/h = - 6,770 + 0,7377 Idade	Sal/h = - 6,770 + 0,6408 Idade
Raça branca, exercendo função não especializada	Sal/h = - 6,770 + 0,6456 Idade	Sal/h = - 6,770 + 0,5426 Idade
Raça não branca, exercendo função especializada	Sal/h = - 6,770 + 0,6602 Idade	Sal/h = - 6,770 + 0,5572 Idade
Raça não branca, exercendo função não especializada	Sal/h = - 6,770 + 0,5620 Idade	Sal/h = - 6,770 + 0,4590 Idade

Segundo esse conjunto de equações derivadas, a melhor situação salarial estaria sendo dada ao trabalhador que fosse homem, da raça branca, ocupando função especializada, para o qual o efeito da experiência (dado pela idade) é mais elevado. Já a situação mais adversa é a enfrentada pela mulher de raça “não branca” e que exerce função não especializada, para a qual a experiência (dada pela idade) seria bem menos valorizada.

4.2 CLASSIFICAÇÃO DA DESIGUALDADE SALARIAL

Conforme se pode verificar, na revisão bibliográfica, para classificar a origem da desigualdade salarial é possível construir duas hipóteses teóricas.

QUADRO 4: HIPÓTESES TEÓRICAS REFERENCIAIS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Hipótese	Conteúdo	Procedimento	Regra de Aceitação
I	A desigualdade salarial decorre do fenômeno de diferenciação salarial, quando os trabalhadores investigados se apresentam heterogêneos em termos de atributos produtivos ou ocupacionais	Comparação caso-a-caso para identificação de pares	Existência de quantidade significativa de pares heterogêneos, em termos de atributos produtivos e ocupacionais
II	A desigualdade salarial é prova de discriminação salarial, quando decorrente da atitude do mercado de trabalho em valorizar de forma distinta os atributos pessoais (gênero e raça) dos trabalhadores que são homogêneos em termos de atributos produtivos e ocupacionais	homogêneos em termos de raça e nos atributos produtivos e ocupacionais	Existência de quantidade significativa de pares homogêneos, em termos de atributos produtivos e ocupacionais

¹³ Coeficiente de Explicação R^2

A primeira hipótese trata da ocorrência de um fenômeno de diferenciação salarial. A segunda conceitua o fenômeno da discriminação. O Quadro 4 apresenta os enunciados dessas hipóteses, bem como as condições de verificação.

Adotado o procedimento previsto para a verificação das hipóteses, encontrou-se um único caso de um homem e uma mulher, de mesma raça, com homogeneidade de atributos produtivos e ocupacionais. Esse único caso foi considerado insuficiente para, nos limites impostos pelo presente estudo, justificar a aceitação da Hipótese II, ou seja, que classificaria como discriminação salarial, a desigualdade salarial identificada no conjunto de alunos e alunas do Curso de Ciências Econômicas.

Ainda observando-se as limitações impostas ao experimento, somente a Hipótese I poderia ser aceita, pois há evidências de que, para o grupo investigado, o mercado de trabalho estaria valorizando distintamente trabalhadores que, além do sexo e da raça, são heterogêneos principalmente em termos de atributos produtivos e ocupacionais, situação que caracteriza o fenômeno da diferenciação salarial.

CONCLUSÕES

Esse experimento tinha como objetivo estudar os perfis de alunos e alunas, matriculados no curso de Ciências Econômicas da Universidade IMES no ano de 2004, para poder identificar, quantificar e qualificar eventual desigualdade salarial contra as mulheres. Os perfis dos estudantes revelaram que:

- a) a maioria é do sexo masculino, mas com tendência de inversão a partir da situação observada nas turmas dos 1º e 2º anos. As alunas são mais jovens que os alunos, sendo que ambos residem e trabalham predominantemente na Região do Grande ABC, apesar de um número expressivo trabalhar na cidade de São Paulo;
- b) em termos medianos, a renda familiar é pouco superior a R\$ 3.120,00, sendo que as famílias das alunas estão concentradas nas faixas de renda inferiores aos das famílias dos alunos. Os pais e mães das alunas apresentam uma taxa de ocupação efetiva no mercado de trabalho maior que a dos pais e mães dos alunos;
- c) não há diferença relevante entre os anos de escolaridade de alunos e alunas, nem na predominância do tipo de escola freqüentada (pública), porém a maioria dos estudantes que fez curso técnico de nível médio é oriunda, no caso dos alunos, de

cursos das áreas de administração de empresas e contabilidade, e no grupo feminino, do curso técnico de processamento de dados. Pouco menos da metade dos estudantes que decidiram trocar de curso superior a favor de Ciências Econômicas freqüentaram anteriormente (e desistiram) de Administração de Empresas, Gestão e Contabilidade;

d) as alunas, por serem mais jovens, apresentaram inserção mais recente no mercado de trabalho, bem como um menor tempo de exercício na atividade atual;

e) a maioria dos estudantes declarou ter algum grau de domínio da língua inglesa e do uso e domínio da informática, sendo que a incidência de alunos sem domínio da língua estrangeira e da informática supera a de alunas;

f) a maioria dos estudantes tem baixo grau de sindicalização e está inserida no mercado formal de trabalho, no setor de serviços, com predomínio masculino nas atividades semi ou totalmente especializadas realizadas em escritórios; já as alunas superam os alunos nas atividades executivas, de assessoria ou de chefia superior;

g) em termos medianos, o rendimento bruto das alunas foi menor que o dos alunos para uma mesma jornada de trabalho, sendo que as mulheres recebiam apenas 81,5% da média salarial horária dos homens. Cabe comentar que o registro de desigualdade salarial entre alunos e alunas do Curso é compatível com resultados de pesquisas nacionais e internacionais, que apontam percentuais mais elevados.

Os salários-hora dos estudantes podem, observados os limites do modelo econométrico desenvolvido, ser explicados de forma aceitável pelo atributo produtivo – experiência do trabalhador (medida, neste estudo pela “*proxy*” dada pela idade do trabalhador). De acordo com o modelo econométrico construído, a valorização da experiência do trabalhador pode ser reconhecida com maior ou menor intensidade pelo mercado de trabalho dependendo do sexo, da raça, e da especialização da função exercida, sendo que a melhor situação salarial refere-se ao sexo masculino, da raça branca, ocupando função especializada, e a pior situação para o sexo feminino, de raça “não branca”, exercendo função não especializada.

Muito embora não se tenha verificado associação direta entre salário/hora e a escolaridade formal, pode-se aceitar a hipótese de que esse atributo produtivo é valorizado no mercado de trabalho estudado, utilizando-se um argumento indireto,

ou seja, de que o acesso ao exercício de função especializada costuma exigir uma maior quantidade de anos de estudo.

De acordo com os limites impostos para aceitação das hipóteses de classificação da desigualdade salarial, não há evidências de que, para o grupo estudado, o mercado de trabalho estivesse discriminando por gênero, trabalhadores com atributos produtivos e ocupacionais idênticos. E que, no caso em tela, resta admitir que a desigualdade salarial pode decorrer meramente da diferenciação salarial, pois trabalhadores heterogêneos em termos produtivos e ocupacionais devem receber salários distintos.

Ressalte-se que essas conclusões devem ser tomadas com cautela, pois a discriminação salarial é um fenômeno muito mais complexo do que esse experimento tem condições de captar, dadas as limitações impostas para sua execução. Além disso, vale lembrar que os resultados de apuração da desigualdade salarial prendem-se exclusivamente a valores de salário e de jornada, relativos ao mês de maio de 2004, podendo conter distorções por erros de declaração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÊRNI, D. de A (coordenador). **Técnicas de pesquisa em economia: transformando curiosidade em conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2002.

GUERRA, M. J., DONAIRE, D. **Estatística indutiva**. 3ª ed. São Paulo: LCT, 1986.

GUJARATI, D. N. **Econometria básica**. 3ª ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

RAMOS, L., REIS, J.G.A. Distribuição da renda: aspectos teóricos e o debate no Brasil. In: CAMARGO, J.M. e GIAMBIAGI, F. (org.). **Distribuição de renda no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: 2002, p. 21-46.

REIS, J. G. A., BARROS, R. P. Desigualdade salarial: resultados de pesquisas recentes. In: CAMARGO, J.M. e GIAMBIAGI, F. (org.). **Distribuição de renda no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: 2002, p. 69-82.